Estratégia CONCURSOS

Aul

Conhecimentos Gerais do Estado de Sergipe p/ CBM-SE (Oficial) - 2019

Professor: Rosy Freire (Equipe Sérgio Henrique), Sergio Henrique

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial 2
01. A Região Nordeste 3
2. A Colonização do Nordeste 5
2.1. Motivos da Colonização 5
2.2. A Guerra contra "Os Bárbaros". 6
2.3. A lavoura açucareira e a mão de obra escrava. Por que a cana? 8
3. A Escravidão e o Comércio Atlântico 10
4. As Capitanias Hereditárias 11
4.1. Documentos Jurídicos. 12
5. As Invasões Estrangeiras (Franceses e Holandeses). 13
5.1 As Invasões Francesas. 13
5.2. Invasão Holandesa (1630-1654) 14
5.2.1. O Governo de Maurício de Nassau. 14
5.2.2. A expulsão dos holandeses e a decadência do açúcar. 14
6. Fatores de Ocupação do Território: Jesuítas, Pecuária e Bandeirantismo. 16
6.1. Os Padres Jesuítas. 16
6.2. A Pecuária 16
6.3. O Bandeirantismo 16
7. História da Colonização de Sergipe. 18
8. Exercícios 22
9. Considerações Finais 38

00. Bate Papo Inicial

Olá, querido amigo concurseiro. Está tentando ingressar no serviço público, uma área que atrai por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... Enfim. São muitas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento em sua preparação. Onde você encontrará motivação nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso. **Motivação, Disciplina e Estratégia**. É o tripé do sucesso e estou aqui, com a equipe **Estratégia Concursos,** para levá-lo ao sucesso e fazer com que você alcance os seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso. Mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, que são distribuídos em um bom número de aulas, portanto, conseguiremos estudar tudo, bem detalhadamente, então, pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e, por meio da repetição. Caso você já domine o conteúdo teórico, pode concentrar-se na resolução de exercícios. Para avaliações que demandam resultado, a prática de questões é imprescindível e, se tiver que priorizar alguma atividade, que seja a resolução e o estudo dos exercícios, mas lembre-se do seguinte: o ideal é um ciclo completo: Leitura da teoria e prática dos exercícios. Vamos lá, é um convite para os estudos!



01. A Região Nordeste

A região nordeste é formada pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia. A região possui os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo do país. Atualmente, a porcentagem de analfabetos gira em torno de 15% da população, a maior entre as regiões brasileiras, bem como a maior mortalidade infantil, que, apesar de ter diminuído na última década de 34,5 para 33 por mil nascidos vivos até o 1 ano, ainda é uma alta mortalidade infantil, o que denota imediatamente as condições de vida precárias em que vive parte da população, sobretudo no sertão. Ocorreram avanços econômicos e sociais na última década com o desenvolvimento da indústria na Mata e a diminuição da desnutrição, mas, ainda, por exemplo, somente 48% dos municípios nordestinos são servidos por rede de esgoto canalizada, índice pior que o da região norte.

No primeiro censo demográfico feito no Brasil em 1872 – encomendado por D. Pedro II, o nordeste era a região mais populosa do país, com cerca de 4,6 milhões de habitantes (46% da população brasileira). No censo seguinte, que só ocorreu em 1890, já foi superado pelo sudeste, situação mantida até hoje. O ciclo do café e a modernização com a implantação de ferrovias e a imigração europeia desenvolveram o sudeste, que se tornou área de atração de imigrantes tanto nacionais quanto estrangeiros. No final do século XX, ocorreu o ciclo da borracha na Amazônia e isso atraiu milhares de nordestinos. Ocorreram dois ciclos da borracha: na virada do século XIX para o XX e durante a segunda guerra mundial; importante ressaltar que, nos dois contextos, a migração de nordestinos foi intensa. A partir da década de 60, os fluxos migratórios se direcionaram para o Centro Oeste, devido à construção de Brasília, e para o Sudeste, em razão de seu desenvolvimento econômico.

A Região nordeste possui a segunda maior população regional do país, que é quase o dobro da população da região sul, somada à do Centro Oeste e Norte. O que isso significa? Que a região é bastante populosa e povoada (com concentração de pessoas na Zona da Mata e no Agreste). Apesar disso, ao longo da segunda metade do século XX a participação da região no PIB nacional foi muito pequena e a pobreza e as grandes desigualdades sociais fizeram com que a região tivesse um histórico de fluxos migratórios para as áreas com novas frentes econômicas e a maior oferta de emprego e renda. Além disso, há migrações motivadas por longos períodos de seca. Vale destacar que, atualmente, o IBGE tem indicado um aumento na imigração de retorno, principalmente vinda do sudeste.

A população e as cidades concentram-se no litoral e isso confere um alto potencial turístico devido às belas paisagens naturais, e pelos monumentos históricos, pois o Brasil foi formado a partir do nordeste. Destacam-se as festas populares, lembrando que a diversidade de manifestações festivas é muito grande e profundamente influenciada pela cultura africana.

A população urbana (residente nas cidades) já é maior que 75%, mas é a taxa de população urbana das regiões brasileiras, no entanto, é a região com maior número de municípios. A

economia vem apresentando crescimento, sobretudo na zona da Mata, em que a indústria tem se desenvolvido bastante, e, se pensarmos o conjunto nordestino, temos uma grande produção automobilística, petrolífera e também um expressivo crescimento na área da informática. A principal razão para isso é o que chamamos de Guerra fiscal, ou seja, a disputa entre os estados brasileiros para atrair investimentos por meio de incentivos como oferecimento de infraestrutura, mão de obra barata e baixos impostos. Também a realização de grandes obras de engenharia civil, como a transposição do Rio São Francisco, cujo eixo leste foi transposto para o rio Paraíba.

O nordeste é dividido em sub-regiões, como podemos ver abaixo:



Divisão sub-regional do nordeste.

ESQUEMATIZANDO

Agora vou convidá-los a iniciar os estudos históricos de Sergipe. Para tanto, vou dar uma dica e orientarei o conteúdo da seguinte forma: vamos, inicialmente, falar dos aspectos gerais da colonização do nordeste e, em seguida, um tópico para focarmos apenas na realidade sergipana. Por que tomar este caminho? Por uma razão bem simples: A maior parte das questões de concursos regionais exige conhecimento de dados locais bastante específicos, mas também exige que o candidato domine o conteúdo histórico e o contexto da época. Se você já conhece bem a história do Brasil colonial, pode ir direto para o tópico da História de Sergipe e para os exercícios.

2. A Colonização do Nordeste

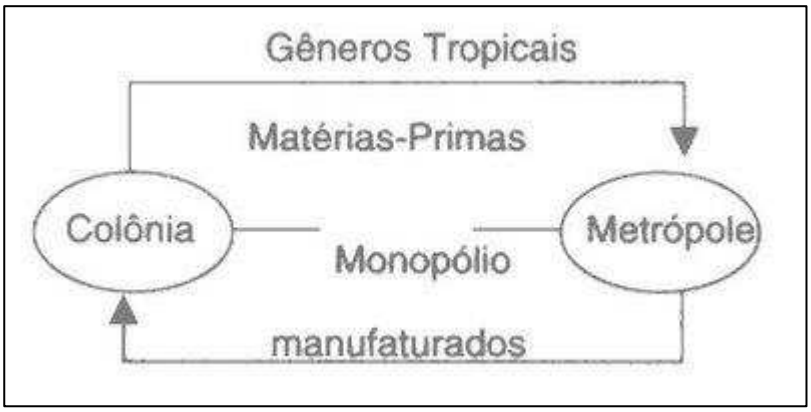
2.1. Motivos da Colonização

A decisão de povoar o Brasil foi tomada em 1530, pois o rei resolveu mandar uma expedição com este objetivo. **Martim Afonso de Souza**, nomeado comandante da expedição, partiu para o Brasil naquele ano. Percorreu e explorou o litoral, promovendo também incursões de reconhecimento pelo interior. Aqui permaneceu até 1533. Fundou a primeira cidade (a primeira **oficialmente** fundada) São Vicente e montou o primeiro engenho de açúcar do Brasil.

A colonização do Brasil ocorreu quase que acidentalmente. Mais precisamente às pressas e sem um projeto definido de exploração e ocupação. Dois motivos, basicamente, que levaram a coroa portuguesa a colonizar o nosso território foram os seguintes:

- ✓ **O comércio de especiarias com o oriente** estava em decadência (devido ao aumento da concorrência internacional e à diminuição do preço dos produtos devido à maior oferta); e

- ✓ **A ameaça estrangeira** cada vez maior, o que, de fato, impeliu Portugal à colonização. Éramos uma colônia de exploração, ou seja, estávamos sujeitos a uma relação de exploração de nossos recursos e dependência legal (uma colônia não possui autonomia. É administrada pela metrópole) expressos no pacto colonial.



Pacto ou Exclusivo Colonial.

Contexto econômico:

- ✓ **Mercantilismo:** lembre-se das características do mercantilismo: intervenção do Estado na economia, metalismo, busca de superávit (balança comercial favorável), colonialismo.

Esclarecendo

Déficit: quando o total de importações supera o total de exportações.

Superávit: quando o total de exportações supera o total de importações.

No início da colonização, foi criado o sistema de capitanias, que não se mostrou eficiente. Entre as razões que não deram certo foi a grande resistência dos indígenas. Veremos mais detalhes sobre a organização e o funcionamento político da capitania de Pernambuco, mas agora é importante lembrarmos que quando foi fundado, o território abrangia quase todo o nordeste setentrional (norte do nordeste). Os atuais territórios dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

2.2. A Guerra contra "Os Bárbaros".

Colonizar o Brasil foi missão das mais difíceis. A coroa portuguesa não tinha recursos para o projeto e o transferiu para a iniciativa privada: por meio do sistema de capitanias e da produção de cana de açúcar. As primeiras expedições que chegaram aqui passaram por muitas dificuldades, entre elas, se não a maior, a resistência dos indígenas à colonização portuguesa. Os indígenas possuíam uma cultura de guerreiros, e a maior parte dos contatos com os europeus foi conflituoso. Em muitas áreas do litoral nordestino, na zona da mata, os colonos portugueses travaram guerras contra as tribos locais.

Nas primeiras décadas da colonização, até o do século XVII, os conflitos com os indígenas ficaram conhecidos como "guerra contra os bárbaros". Os conflitos começaram com o início da colonização. Os primeiros contatos foram pacíficos e os indígenas não foram escravizados. Eram explorados por meio do **escambo** e do **cunhadismo**. Quando Portugal decidiu pela colonização, as visões sobre o índio mudaram: inicialmente eram descritos como inocentes e bons. A partir de 1530, são descritos como "bárbaros", violentos, sem religião e com práticas abomináveis como a antropofagia (que, para o índio, tinha um significado simbólico). Quero que você perceba como a palavra "bárbaro" é preconceituosa. Passa uma profunda impressão de desprezo e de inferioridade. Podemos dizer que o português tinha uma visão que chamamos de eurocentrismo. Via a cultura europeia como melhor e mais evoluída e lá como centro do mundo, então, possuíam um profundo sentimento de superioridade em relação ao indígena. Isso serviu também de argumento para a colonização.

Desde o princípio da colonização, os conflitos foram frequentes, até chegarem ao auge no fim do século XVII, no período do final da ocupação holandesa. Particularmente os estudos sobre

este assunto se concentram entre 1693 até 1713, quando foi derrotada uma união das tribos contra os portugueses, que ficou conhecida como confederação dos Cariris ou Confederação dos "Bárbaros". Também de confederação dos Janduins.

O combate aos indígenas baseava-se no conceito medieval de guerra justa, apoiado e divulgado pela Igreja, desde as cruzadas medievais contra os islâmicos. Estariam combatendo, em nome da civilização e da igreja católica, contra os bárbaros, os antropofágicos (canibais) e sem religião. Então, esta guerra seria justa. A ideia de **Guerra Justa** é uma justificativa para a colonização e para o combate aos indígenas. Destacaram-se os colonos do nordeste, mas, sobretudo, bandeirantes paulistas e padres jesuítas.

O padre jesuíta frei Vicente de Salvador relata como foi penosa a conquista da Paraíba (na época parte da capitania de Itamaracá e de Pernambuco) e os longos anos de conquista até 1586. Os principais indígenas combatidos eram os do sertão, à margem direita do São Francisco, os índios do ramo linguístico **Tapuia**. São várias tribos indígenas designadas genericamente pelos portugueses de **Cariris.** Eles eram caçadores (diferentes dos tupis do litoral. Para os tupis, eram tapuias os não tupis), produziam cerâmica e pontas de flechas e machados com pedra polida ou sílex. Genericamente, os Potiguaras também eram tratados por esta designação nos relatos mais antigos.



Representação ilustrativa dos confrontos indígenas.

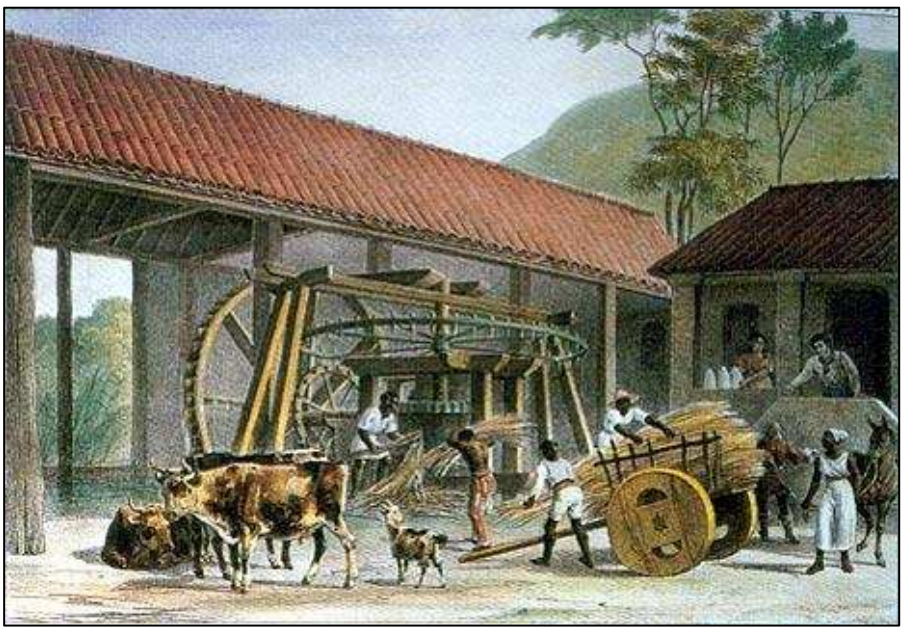
Os confrontos com os indígenas, sobretudo os belicosos (guerreiros) Potiguares, foram difíceis. Os primeiros capitães travaram profundas lutas contra os indígenas e contra os invasores franceses. O capitão donatário de Pernambuco Duarte Coelho, em vários momentos, deu seu apoio militar para o combate dos Potiguares nas terras paraibanas. Os indígenas se juntaram formando a já citada união das tribos, que ficou conhecida como confederação cariri. É importante

lembrarmos que se trata de uma união entre as diversas tribos tapuias/cariris que se uniram contra os colonizadores para defender seu território, então realizavam frequentes ataques aos engenhos e às vilas, causando grande destruição.

Enquanto ocorriam décadas de confronto foi instalada a lavoura açucareira, que usou a mão de obra escrava africana e contou com o suporte financeiro dos holandeses, que mais tarde invadiram a capitania de Pernambuco, dando início a um processo de colonização holandês, sobre o comando de Maurício de Nassau. Estudaremos esses assuntos nas próximas aulas e vamos tratar agora da implantação da lavoura de cana de açúcar. Como ocorreu, por que optaram por este produto e pela escravidão. Vamos nessa!

2.3. A LAVOURA AÇUCAREIRA E A MÃO DE OBRA ESCRAVA. POR QUE A CANA?

A opção por cultivar a cana de açúcar ocorreu por várias razões que vamos enumerar:



Trabalho dos escravos nos engenhos de açúcar.

1. **Havia uma alta demanda** na Europa pelo açúcar e seus preços eram altos.

2. **A cana é um vegetal** asiático, da Índia, que possui **clima quente e úmido**. Adaptou-se muito bem ao clima do litoral nordestino (tropical úmido) e ao solo fértil da região (solo de massapé).

3. **O financiamento** da produção, o transporte, o refino e a distribuição no mercado europeu do açúcar era realizado por holandeses.

TOME NOTA!

Clima tropical úmido: É o clima da região do litoral nordestino, a zona da mata. É quente e úmido e sofre influência da umidade oceânica, e no inverno da massa polar atlântica, que provoca chuvas de inverno.

Solo de Massapê: É o solo encontrado na zona da mata. Solos são rochas desagregadas, misturadas com material orgânico e microrganismos. Ele é o resultado da desagregação de duas rochas: a gnaisse e o calcário. É um solo profundo e fértil.

A opção pela cana de açúcar tinha como objetivo garantir o máximo de lucro para a metrópole, que, no contexto do início da colonização, encontrava-se em crise econômica e **transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada** por meio das capitanias hereditárias e dependia do financiamento e da infraestrutura holandesa. Os flamengos (holandeses) ficavam, portanto, com as atividades mais lucrativas que envolviam o comércio internacional do açúcar. A relação com os holandeses era intensa e pacífica até 1580, quando ocorreu a **União Ibérica**, que foi a união entre os dois reinos, Portugal e Espanha, sob domínio espanhol. Durante o período da União Ibérica, os holandeses foram proibidos de participar da atividade açucareira no Brasil por serem inimigos da Espanha. Neste contexto, invadiram Salvador e, depois, Pernambuco.

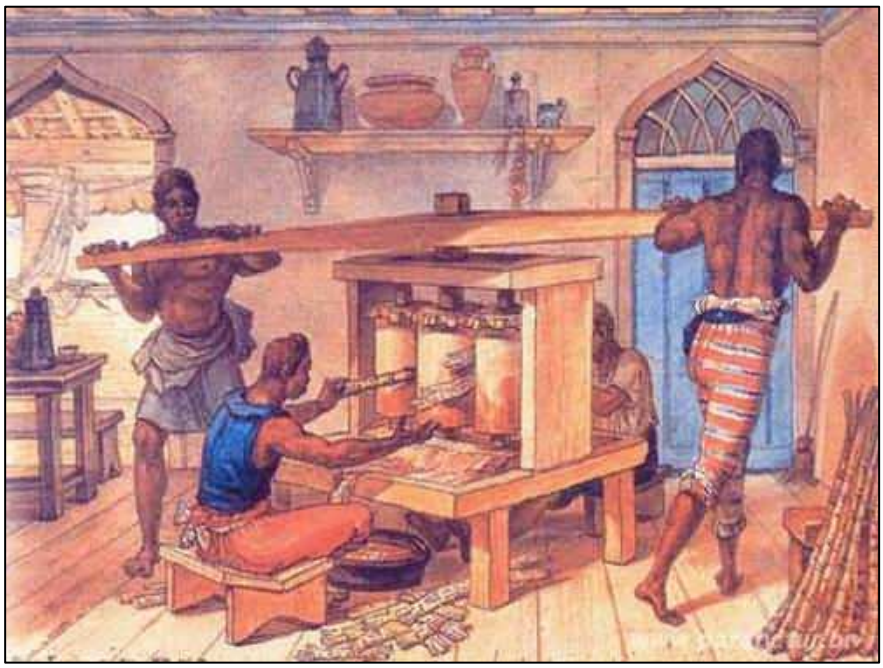
A expulsão dos holandeses em 1654 está ligada à decadência da cana de açúcar. Não há dúvidas da importância da atividade açucareira para a Holanda, mas vale ressaltar que nunca se ocuparam da produção. Nunca foram donos de um só engenho no Brasil, nem mesmo no período em que invadiram e permaneceram em Recife, atual capital de Pernambuco. Sempre se comprometeram com o financiamento, o frete e o comércio, principalmente.

Os engenhos foram instalados destacadamente em **Pernambuco**, na Bahia, em pequenas faixas territoriais maranhenses, no nordeste e em **São Vicente**, litoral de São Paulo. O modelo de produção adotado foi o *Plantation*, cujas características são:

1. **Monocultura** (só se cultivava cana de açúcar).
2. **Exportação** (o objetivo é atender a demanda do exterior, no caso a metrópole).
3. **Latifúndios** (grandes extensões de terra).
4. **Escravidão** (Mão de obra escrava africana).

3. A Escravidão e o Comércio Atlântico

A escravidão africana foi uma opção, devido a um mercado extremamente lucrativo que era o comércio de africanos, pois a demanda de braços era tão grande quanto a demanda por açúcar. Movimentava um mercado (o mercado atlântico de escravos), que era grande como a demanda europeia pelo sabor doce. *Por que não escravizar o índio*, você pode perguntar, mas é preciso lembrar que a Igreja Católica posicionou-se, por meio de Bulas Papais e na expansão e colonização da América, contra a escravidão do **gentio** (nativo, indígena). E não movimentava um mercado tão lucrativo e estruturado, como era o comércio de africanos.



Mão de obra dos escravos africanos nos engenhos de açúcar.

Quanto ao negro, a escravidão era denunciada por alguns religiosos, mas, no geral, era tolerada e aceita, e, em todo o período colonial e no império brasileiro, era o sustentáculo da economia e o elemento fundamental na organização da sociedade, pois todo o trabalho braçal, inclusive o de vestir os seus senhores, era realizado por um cativo. A demanda por braços para o trabalho era muito grande, ao ponto de Portugal não conseguir atender a demanda. Isso gerou o comércio atlântico que fugia ao controle de Portugal: **O tráfico negreiro**. Os africanos escravizados eram transportados nos navios negreiros, cuja mortalidade era tão alta, que foram apelidados de navios tumbeiros. Eram descarregados no litoral nos mercados de escravos, onde eram vendidos, e dali seguiam para as fazendas. Para evitar a comunicação e as rebeliões, separavam as famílias e as tribos. Durante todo o tempo em que ocorreu a escravidão (1530-1888), ocorreu também a resistência africana. Resistiam por meio de suicídios, de abortos, de levante contra seus senhores, de fugas e da formação de Quilombos. Durante as invasões holandesas e diante da resistência dos colonos na primeira invasão na Bahia, estimulou muito o surgimento de quilombos.

4. As Capitanias Hereditárias

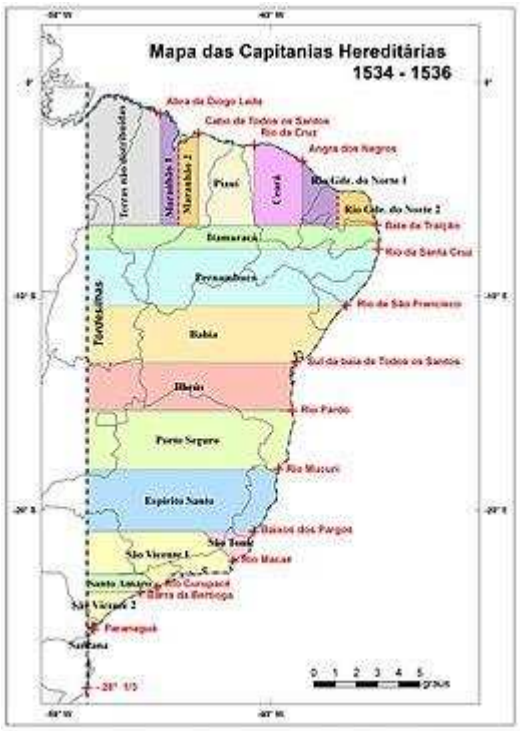


Figura 10 – Proposta de nova mapa das capitanias hereditárias. Desenho do autor.

Quando Portugal optou pela colonização do território e por abandonar o antigo sistema de feitorias, **transferiu os gastos para a iniciativa privada**. Com a criação das capitanias hereditárias, que a coroa portuguesa já havia tentado em algumas colônias, o território brasileiro foi dividido em 15 faixas que iam do litoral até o limite do tratado de Tordesilhas.

O que são?

São equivalentes hoje aos estados. Na colônia eram chamadas de capitanias, no império, províncias e, na república, estados. As 15 capitanias criadas foram concedidas a 12 capitães donatários (como eram chamados os que recebiam o benefício). A capitania de Itamaracá, por exemplo, foi o terceiro quinhão de terra recebido por Pero Lopes. É importante destacarmos que, na época, não era um grande negócio, pois os riscos e as dificuldades do empreendimento eram muito grandes.

De todas as capitanias somente a de Pernambuco e a de São Vicente prosperaram. Os donatários possuíam um poder muito grande. Poder sobre a vida e a morte dos homens e o domínio sobre o território. Predominava um grande **localismo político**, ou seja, as questões mais relevantes eram resolvidas aqui mesmo, pois, com as dificuldades de transporte e comunicação, tudo que era enviado a Europa demorava meses, ou anos, para serem resolvidos. Era um empreendimento perigoso e custoso, além do risco de perder tudo em naufrágios, como ocorreu

com várias embarcações portuguesas, sem contar que existia o risco dos ataques indígenas e os rigores de adaptação aos trópicos; bem como as dificuldades inerentes à construção de uma vila e iniciar a colonização. Por isso não foi tão bem sucedido.

4.1. DOCUMENTOS JURÍDICOS.

Os donatários desembarcavam com dois documentos: **A carta de doação** e o **foral**. O primeiro, como o próprio nome diz, é a carta que dá os direitos de exploração da terra. Entre seus direitos estavam o de total autonomia política para decisões, recolher os impostos e pegar parte para si. Os direitos e as obrigações estavam escritos no **foral**. O Principal dever era o de povoar a colônia e de consolidar a colonização portuguesa. Para o povoamento, os donatários deveriam distribuir as **Sesmarias**. Elas eram grandes propriedades que eram doadas para o povoamento. Seguiam o seguinte critério: podiam receber sesmarias quem fosse católico e plantasse cana de açúcar. Era lei que, em todo o litoral, só fosse cultivada a cana. Com o tempo, as fazendas de gado conquistaram o interior, principalmente na zona da mata e no sertão.

A estrutura fundiária (distribuição das áreas agricultáveis em tipos de propriedade) de Pernambuco é bastante concentrada, destacadamente no sertão e na zona da mata. A distribuição de sesmarias era a única forma de ter acesso a terra e isso levou a uma grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, muitos deles descendentes dos senhores de engenho. As capitanias foram extintas em 1759, por marquês de Pombal, mas até a independência (1822) as sesmarias eram distribuídas.

Em 1850, durante o império, foi lançada a lei de terra que proibia a doação de sesmarias e transformava a terra em mercadoria que poderia ser comparada e vendida à vista em leilão público. Foi uma forma de manter o monopólio dos grandes proprietários sobre a terra, pois é a época da extinção do tráfico de escravos e a imigração estrangeira. Pernambuco recebeu muitos imigrantes, e quem entrou no estado depois da lei terras teve muita dificuldade de acesso a ela.

5. As Invasões Estrangeiras (Franceses e Holandeses).



Representação Ilustrativa das Invasões Estrangeiras.

5.1 As Invasões Francesas.

O litoral brasileiro era bastante frequentado por piratas e corsários franceses. "*Piratas e corsários são coisas diferentes?* " Sim, são. Aparentemente são a mesma coisa. Capitães de navios que atacavam frotas mercantes para pilhá-las. Mas, enquanto a **pirataria** era uma atividade marginal e individual e o sujeito é um saqueador; o Corsário era um "pirata oficial". Se o navegador recebe um documento do Estado chamado de **Carta de Corso**, ele se transforma no corsário. Pode saquear e derrubar navios, desde que inimigos da coroa francesa, ou seja: navios espanhóis, portugueses e ingleses.

A França realizou duas invasões ao Brasil. A primeira no Rio de Janeiro e a segunda no Maranhão. A **primeira invasão** ocorreu entre 1555 e 1558 na Baia da Guanabara, no Rio de Janeiro. Um grupo de *hunguenotes* (calvinistas) tentava fugir das perseguições religiosas na Europa. Vieram sob o comando de Villegagnon e do Almirante Coliny. Fundaram um forte militar e iniciaram uma colônia: **A França antártica**. Foram expulsos pelo Governador Geral, Mem de Sá, em 1560. Durante o tempo todo de permanência, exploraram ativamente as madeiras do litoral.

A Segunda invasão foi em 1612 no Maranhão onde fundaram a cidade de São Luiz. Criaram a **França equinocial**. Nas duas tentativas se associaram aos indígenas contra os portugueses. Foram expulsos do Maranhão em 1615.

5.2. INVASÃO HOLANDESA (1630-1654)

Em 1630, com uma esquadra de setenta navios, os holandeses chegaram a Pernambuco e dominaram Recife e Olinda sem maiores dificuldades. A Espanha, envolvida em outras prioridades militares, não mandou grande apoio militar para a resistência estabelecida pelos colonos. Aos poucos, com as vantagens oferecidas pelos invasores, a resistência se enfraqueceu e muitos produtores passam para o lado flamengo, pois estes se comprometeram a respeitar a **liberdade religiosa** (lembre-se de que os holandeses eram calvinistas e os portugueses católicos), o **direito de propriedade** das terras e engenhos, bem como realizariam **financiamentos** e **comprariam a produção**.

5.2.1. O Governo de Maurício de Nassau.



Maurício de Nassau foi governador geral dos domínios holandeses, e aqui permaneceu entre 1637 a 1644. Preocupou-se com a reorganização da produção açucareira (que foi comprometida pelas tentativas de resistência dos colonos) e com a segurança. Procurou conciliar os luso-brasileiros (portugueses e descendentes que aqui habitavam) que ficaram sob seu domínio, e tratou de ampliar territorialmente o domínio holandês, que passou a ocupar territórios entre o Maranhão e a Bahia. Nassau devolveu as propriedades aos seus antigos donos, ampliou o crédito e forneceu empréstimos a juros controlados. Ainda passou a cobrar impostos mais baixos que os cobrados por Portugal e a realizar importantes melhoramentos urbanos. Apesar da política conciliadora, não conseguiu impedir conflitos e contradições. Os senhores de engenho que haviam contraído empréstimos com os holandeses não conseguiam saldar suas dívidas, e conflitos religiosos (apesar da liberdade religiosa concedida pelos holandeses) ocorriam. Os conflitos se tornaram mais intensos quando, em 1640, Portugal restabeleceu sua coroa e se libertou da Espanha, pondo fim à União Ibérica.

5.2.2. A expulsão dos holandeses e a decadência do açúcar.

Com o fim da União Ibérica, Portugal tratou de recuperar seus territórios coloniais e propôs uma trégua de 10 anos para a desocupação holandesa do Nordeste.

A partir daí, a Cia das Índias Ocidentais resolveu diminuir seus efetivos militares a fim de conter os gastos. Nassau foi demitido e o novo governo tornou-se extremamente severo, sobretudo em relação às dívidas dos senhores de engenho e ao prazo para saldá-las. Muitas propriedades foram confiscadas e a tolerância religiosa não era mais observada com os mesmos

cuidados. As tensões se acumularam e começaram a se manifestar na forma de rebeliões que se generalizaram, até que eclodiu um processo de rebelião que expulsou os holandeses: **A Insurreição Pernambucana**.

Os colonos luso-brasileiros confrontaram os holandeses entre 1645 e 1654, quando finalmente são expulsos. Portugal ainda pagou uma pesada indenização à Holanda e o comércio e a produção de açúcar foram profundamente prejudicados, pois flamengos foram se instalar nas Antilhas (na ilha de Curaçau, na América central) e se tornaram fortes concorrentes do Brasil no mercado açucareiro.

A produção de açúcar no caribe foi o início da decadência da nossa produção, pois o açúcar era de melhor qualidade e muito mais próxima a Europa, o que barateava o frete. Os holandeses passaram a fornecer um açúcar melhor e mais barato.



Pintura "A batalha dos Guararapes" de Victor Meirelles.

A principal batalha da insurreição Pernambucana.

6. Fatores de Ocupação do Território: Jesuítas, Pecuária e Bandeirantismo.

6.1. Os Padres Jesuítas.

Os Padres da *Cia. De Jesus* eram também conhecidos como **soldados de batina**. O apelido é porque a ordem jesuítica possuía uma organização e preparo militar, bem como pelo fato de seu fundador, Inácio de Loyola, ter sido oficial militar. Fundavam no Brasil (e em todo o mundo colonial português), as Missões jesuíticas, incumbidas de catequizar os nativos e protegê-los nas **Missões, ou colégios jesuíticos**. Não foram raras as situações em que expedições de **bandeirantismo** atacavam as missões querendo escravizar seus indígenas, que já eram cristianizados e ensinados ao trabalho. As missões jesuíticas ocuparam, além do litoral, o sul do Brasil na fronteira com a Argentina e, principalmente, na região amazônica. As missões jesuíticas tiveram um importante papel na ocupação do nosso território, muitas vezes servindo a Portugal como ponto de demarcação de fronteiras. Ao longo do rio Amazonas foram penetrando no interior. Essas missões amazônicas treinavam e usavam os indígenas como mão de obra (não escrava), para coletarem as **drogas do sertão**. Drogas do sertão eram ervas medicinais, coletadas em meio à floresta e vendidas para a Europa. Eram valiosas como as especiarias asiáticas.

6.2. A Pecuária:

Era a principal atividade complementar da colônia, pois fornecia carne, couro e transporte. Era realizada mais ao interior do território brasileiro, onde encontrou a vegetação da Caatinga e o **Cerrado**. A pecuária desenvolveu-se principalmente nas regiões de cerrado por suas sempre verdes pastagens naturais. E uma coisa diferenciava fundamentalmente a pecuária das outras atividades: **O uso de mão de obra livre, normalmente indígena**. O vaqueiro, como era chamado, recebia sua remuneração em filhotes das crias.

6.3. O Bandeirantismo:

As bandeiras eram expedições com objetivos comerciais e privados. Não eram as únicas expedições que ocorriam em nosso território. Havia as expedições de reconhecimento enviadas pela coroa, que eram chamadas de **Entradas**. As atividades dos bandeirantes iniciaram em São

Vicente. A capitania, nos primeiros anos de ciclo do açúcar, junto com Pernambuco, foram as únicas que tiveram sucesso.

No entanto, a atividade açucareira logo entrou em decadência (principalmente devido à distância maior de Portugal, o que encarecia o frete, além disso, o açúcar pernambucano era de melhor qualidade). Os paulistas viram-se obrigados a dedicar-se a uma atividade econômica alternativa, que foi o bandeirismo. Havia basicamente três tipos de expedições bandeirantes:

- ✓ **Bandeirismo de Contrato:** Grupos contratados para capturar escravos fugidos e destruir quilombos.

- ✓ **Bandeirismo de Preação ou apresamento:** Expedições cujo objetivo era capturar indígenas e escravizá-los. (Por isso sempre entravam em conflito com os padres jesuítas que os protegiam).

- ✓ **Bandeirismo de Prospecção:** Expedições para buscar jazidas ouro, prata ou pedras preciosas. Foram os paulistas que encontraram o ouro no início do século XVIII, dando início ao ciclo da mineração.

Como a movimentação pelo território era muito difícil devido às florestas e ao relevo planáltico, os rios ocupavam uma posição de destaque para viabilizar as expedições. Eram chamadas de **Monções**, expedições bandeirantes feitas por rio.

7. HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE SERGIPE.

A história sergipana perpassa pela denominada “pré-história” e pela busca de fixação do colonizador europeu por meio do estabelecimento do sistema de capitanias na região hoje compreendida entre a foz do Rio São Francisco à Ponta do Padrão na Bahia ou também chamada de **Baia de todos os Santos**.

A terminologia pré-história é aqui utilizada para demarcar um período de tempo que consiste no momento inicial de formação das sociedades mais antigas presentes na região onde hoje entendemos por Sergipe. Esse período é caracterizado pela existência de materiais ósseos, como esqueletos e adornos, por cerâmicas que consistem em urnas funerárias, potes, tigelas e panelas, os restos faunistícos formados por moluscos, anfíbios e répteis e os objetos líticos como lascas, facas e machados. Nesse mesmo período, surgiram as primeiras pinturas rupestres em Sergipe, presentes no Baixo São Francisco (Canyon do Xingó), fato que não promoveu ainda a presença da escrita ainda que os desenhos representem certa forma de comunicação. Assim, a arqueologia da região nos traz “restos” que evidenciam a compreensão de organizações socioculturais das primeiras sociedades que surgiram nessa localidade. Sendo assim, os principais sítios arqueológicos do Estado são os de São Francisco e de Justino, na região do Baixo São Francisco e Fortuna, no município de Divina Pastora.

Já no período bem posterior surge o contexto da colonização europeia por toda a América, sendo que, após a divisão do território brasileiro em quinze capitanias hereditárias, a região que consiste Sergipe hoje foi cedida a **Francisco Pereira Coutinho,** no ano de 1534, por meio da Carta de Doação. Contudo, Coutinho não chegou a ocupar as localidades territoriais sergipanas, o que favoreceu as ações dos piratas franceses no contrabando do pau-brasil, contrabando esse auxiliado por acordos estabelecidos com os nativos que habitavam aquele litoral, a sociedade dos Tupinambás e o estímulo ao escambo. Vale apontar que, no período da chegada dos europeus à região sergipana, essa já contava com a presença de diferentes sociedades nativas, sendo elas a já citada dos Tupinambás, a de Caetés e mais cerca de 30 aldeias presentes na extensão litorânea todas pertencentes ao grupo tupi, logo podemos citar os Xocós (única tribo sobrevivente, que vive na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha), Aramurus e Kiriris, nas margens dos rios São Francisco e Jacaré; Aramaris, Abacatiaras e Ramaris, no interior, além dos Boimés, Karapatós e os Natus. Porém, devido à falta de êxito no processo de conquista e no desenvolvimento da região promovida no decorrer da administração de Franscisco Pereira, a Coroa portuguesa comprou de seus herdeiros a capitania da Baía de Todos os Santos no ano de 1549 e, posteriormente, nomeou Tomé de Souza como o primeiro governador-geral da Colônia.

A busca pela colonização sergipana teve sua primeira tentativa no momento em que os jesuítas Gaspar Lourenço e João Salônio, no ano de 1575, se deslocaram por aldeias tendo contato com nativos e, assim, fundaram a missão junto à Igreja de São Tomé nas proximidades do rio Piauí, localizadas hoje nas proximidades do município de Santa Luzia do Itanhy e de Santo Inácio nas

margens do rio Vaza-Barris (Itaporanga d´Ajuda) e também a de São Paulo, que, segundo historiadores, está localizada nas mediações do município de Aracaju. Essas regiões estiveram sob a autoridade dos caciques tupinambás Surubi, Serigi e Aperipê.

Em um segundo momento da colonização, ocorreu a nomeação de Luis de Brito para governador da região, já que o processo de conquista promovido até então não agradava a coroa portuguesa. Com a chegada do novo governador e suas políticas administrativas, ocorreram diversas fugas de nativos da região, fato utilizado pelo governador para elaborar a argumentação de que essa fuga seria a quebra das relações amistosas entre nativos e colonizadores. Sendo assim, o governo organizou diversos ataques aos nativos promovendo muitas mortes, incluindo a dos líderes de resistência nativa (a de Surubi e a captura de Serigy), política administrativa que não veio a promover a conquista de Sergipe.

As estratégias tomadas por Brito não obtiveram os resultados esperados, logo, a conquista da região só veio a acontecer após forte ofensiva comandada por Cristóvão de Barros, ocorrida por considerável tempo contra os nativos que ali viviam, tendo destaque a derrota do cacique Boipeba que era referência de resistência na época. Nesse contexto, diversas tribos que se concentravam no litoral passaram a buscar outras regiões, agora no interior, para sua sobrevivência.

Posteriormente, o rei Felipe II da Espanha, que até então governava a União Ibéria, ordenou que Cristóvão de Barros construísse um arraial, nomeado de cidade de São Cristóvão, tornando-o, então, a sede do governo, o que veio a resultar na capitania com o nome de **Sergipe Del Rey**. A localização dessa capitania se dava entre o Rio Real e o Rio São Francisco, que fora comprada pelo Rei D. João III com o objetivo de barrar as atividades francesas naquela região. Logo começou a construção da estrutura administrativa, que teve como elemento estruturante as doações de sesmarias que estimularam a colonização e o povoamento de Sergipe, sendo que, após a expulsão dos nativos, diversos locais foram doados para combatentes com o objetivo de ocupar essas terras. Esses eventos instigaram a transformação espacial e territorial devido aos estímulos produtivos e comerciais que ali foram implantados.

As localidades dos rios **Reais** e **Piauí** tem importância na história de Sergipe por terem presenciado, em suas margens, a organização dos primeiros povoados, tendo a continuidade da colonização na região norte pelas margens do Rio São Francisco. Durante esse processo colonizador, ocorreu o estímulo da criação de gado antes mesmo do aparecimento da agricultura, fenômeno presente na frase do historiador Felisbelo Freire: “O sergipano foi pastor antes de ser agricultor”. Localizado entre as capitanias de Pernambuco e Bahia, o gado produzido e abatido no Sergipe servia para o abastecimento dos então centros produtores de cana de açúcar. Essa estrutura produtiva era promovida predominantemente pela mão de obra branca e livre devido à pouca presença da escravidão, pois, para os proprietários de terras e gado, a utilização desse tipo de trabalho poderia se tornar um risco pelo fato de o escravo, ao trabalhar em áreas de pastagem, poderia vir a promover fugas. A produção de gado passa a dominar o território, fazendo surgir muitos currais de onde saem os bois para o abate na Bahia. O caminho que liga Sergipe à Bahia, e

por onde passam as boiadas, passa a ser conhecido como a **"Estrada da Boiada"** e o baixo São Francisco, de **"Rio dos Currais"**. Os ricos de Salvador compram terras na nova Capitania e para lá mandam suas cabeças de gado.

Outra característica importante para a estruturação colonial em Sergipe foi a escassez de metais preciosos, fato que levou os colonos a se dedicarem a outros setores da economia. Em um segundo momento, ocorreu a migração da mão de obra para regiões do interior em busca de novas terras, novas condições de sobrevivência e novos mercados. Vale lembrar que, no primeiro momento, a cana de açúcar esteve presente em pequena escala e longe do gado, essas regiões eram chamadas de **Vale do Cotinguiba** onde surgiram os primeiros engenhos sergipanos. É nessas localidades que se desenvolve o trabalho com mão de obra escrava de negros trazidos da África e se fundam vilas.

No decorrer do século XVII, Sergipe continuou sendo marcada pela colonização europeia que veio a se expandir nas localidades ao norte do Estado, mais precisamente pelas margens do Rio São Francisco. Vale ressaltar que os rios tiveram grande importância por serem utilizados como vias de acesso e deslocamento (navegação) e também por possibilitarem a fixação de pessoas em suas margens por meio de vilas e cidades. Nesse contexto, ocorre o período conhecido como **"Invasão holandesa"**, onde esses europeus objetivaram ocupar Pernambuco e posteriormente Salvador, o que veio a colocar em sua rota de conquista as terras sergipanas. No ano de 1637, os holandeses chegaram à capitania de Sergipe com o objetivo de instalar uma base militar que auxiliaria na conquista de Salvador, fato que evidencia que, a princípio, não quiseram necessariamente povoar a região.

A presença holandesa em Sergipe (1637-1645) resultou em diversas alterações na sociedade e na economia, pois nesse período São Cristóvão foi incendiada e destruída, prejudicando o desenvolvimento produtivo da região, momento que ficou caracterizado como um momento de guerra e conflitos. Nesse período, as ações holandesas se limitaram a investidas na busca de gado, em metais preciosos e ao combate contra as tropas luso-brasileiras, sendo que, até o ano de 1654, a região veio a ficar administrativamente abandonada pelas autoridades portuguesas e holandesas devido aos conflitos.

Com a expulsão dos holandeses, a Coroa portuguesa reestabelece seu domínio retomando Sergipe à sua normalidade cotidiana junto à reconstrução de São Cristóvão. Tem-se aqui o desenvolvimento da cultura de mantimentos e da pecuária, momento em que surge a lenda das minas de prata na Serra de Itabaiana.

A expansão da notícia da existência de riquezas na Serra de Itabaiana estimulou a movimentação de migrantes e aventureiros para a região, tendo esses o intuito de explorar as terras na região e, assim, construir uma vida por meio das riquezas encontradas. Porém, até os dias de hoje ainda não foram encontrados os grandes locais com os metais preciosos, já por outro lado, as notícias e lendas propagadas em relação a Serra estimulou o aumento e a formação populacional ao mesmo tempo em que promoveu a miscigenação do povo sergipano. Nesses

locais, o poder político e econômico esteve presente nas mãos das pessoas que detinham a propriedade das terras.

Ao final do século XVII e início do XVIII, começa o desenvolvimento das atividades que envolveram a produção da **cana de açúcar** em Sergipe, tendo como destaque o Vale de Cotiguiba, que veio a superar o comércio do gado que até então era a base econômica predominante. A produção do açúcar estimulou o desenvolvimento do sistema de escravidão, o que fez com que aumentasse o número de escravos negros vindos da África para sua utilização como mão de obra em larga escala, e paralelamente o crescimento da quantidade de engenhos que passou de 140 no século XVIII, para quase 700 no início do XX, período em que esse número começou a diminuir. Ainda no século XVII, mais precisamente no ano de 1696, Sergipe adquire sua autonomia jurídica com a criação da **Comarca de Sergipe**, na qual Diogo Pacheco de Carvalho foi nomeado como primeiro ouvidor.

Em 1698 foram instaladas as primeiras vilas:

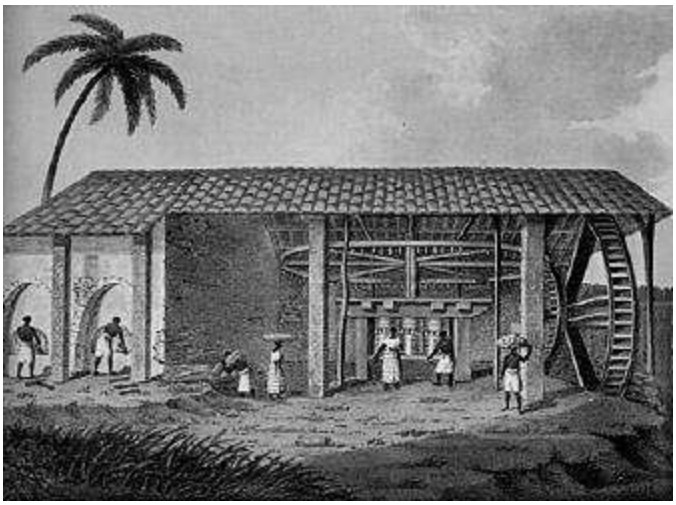
- ✓ Itabaiana,
- ✓ Lagarto,
- ✓ Santa Luzia, e
- ✓ Santo Amaro das Brotas.

8. EXERCÍCIOS

QUESTÕES COMENTADAS

1. (Upe 2014)

Observe a imagem a seguir:



(Disponível em: http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engenho_de_acucar_1816.jpg)

Ela ilustra um engenho de açúcar, típica unidade de produção do nordeste colonial. Com base na imagem e na realidade histórica por ela ilustrada, assinale a alternativa CORRETA.

A) Esse engenho movido por força hidráulica é uma realidade do século XVIII, embora anteriormente fosse utilizada a força humana ou a força animal para fazê-lo funcionar.

B) A presença exclusiva de mão de obra escrava negra, na imagem, denota a exclusão dos indígenas como trabalhadores, escravos ou livres, da indústria açucareira.

C) Engenhos de grande porte, como o da ilustração, só foram introduzidos na América Portuguesa em meados do século XVII, pelos holandeses que ocupavam a capitania de Pernambuco.

D) A mão de obra utilizada nos engenhos, escrava ou livre, muitas vezes, era formada por trabalhadores especializados.

E) A mão de obra indígena só foi utilizada, no período colonial, em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, não se fazendo presente nos engenhos do nordeste colonial.

COMENTÁRIOS:

A proposição [D] está correta. O Engenho Colonial (roça, capela, casa grande, senzala, moenda etc.) pode ser comparado com uma "empresa colonial", uma vez que, para produzir o açúcar, eram necessários muitos trabalhadores especializados, ou não, escravos ou homens livres.

As demais alternativas estão equivocadas. Ocorreu a escravidão indígena nos engenhos no nordeste, embora menor que a escravidão negra. Os bandeirantes paulistas aprisionaram índios das missões do sul e venderam como mão de obra escrava para os engenhos coloniais do nordeste. A partir da segunda metade do século XVI foram criados engenhos de açúcar no nordeste movido a água e a tração animal.

Gabarito: D

---

2. (Upe 2010)

O trabalho cria riquezas sociais que, nem sempre, são divididas e servem para efetivar sociedades equilibradas. O uso da escravidão mostra a existência da exploração, mesmo nos tempos modernos. A escravidão:

A) foi utilizada nas colônias europeias até o século XVIII, na agricultura, apresentando grande lucratividade nos negócios agrícolas.

B) tinha lugar no trabalho doméstico, apenas nas colônias portuguesas e inglesas, sendo ineficaz no comércio.

C) conseguiu se firmar nas colônias espanholas; sem êxitos expressivos, nas colônias inglesas, devido aos preconceitos raciais.

D) deu condições para favorecer o crescimento da burguesia, que lucrava com o comércio da época e firmava seus interesses.

E) inexistiu no trabalho, nas minas de ouro da América, sendo utilizada na agricultura latifundiária e nos serviços urbanos.

COMENTÁRIOS:

Existem interpretações diferentes acerca da escravidão. Como o enunciado não especifica um país, a questão fica muito vaga e gera confusão, principalmente porque as alternativas são genéricas.

A alternativa [A] pode ser considerada, apesar da imprecisão quanto à data, pois a escravidão existiu no século XIX, principalmente no Brasil, a maior parte do tempo já independente. Na maior parte do tempo e lugares foi utilizada na agricultura, apesar de fundamental na mineração. A banca considerou como correta a alternativa D.

Apesar das dúvidas podemos eliminar a (A) pela imprecisão temporal.

A alternativa [D] é a considerada correta, pois o tráfico de escravos era um grande comércio colonial. Movimentava um volume enorme de dinheiro. Inclusive as grandes fortunas eram principalmente dos comerciantes de escravos. Parte da burguesia lusitana obteve grande lucro com o tráfico negreiro; aliás, foi esse lucro que determinou a opção pela escravidão africana. As outras alternativas podem ser eliminadas, pois os escravos foram usados em todos os trabalhos: doméstico, lavoura e minas de ouro, e o preconceito racial foi regra em toda a américa.

Gabarito: D

---

3. (Upe 2009)

As sociedades mudam suas práticas sociais e conservam outras através da sua convivência no decorrer do tempo histórico. Na época da colonização portuguesa, havia, no Brasil, uma sociedade marcada pela escravidão e a injustiça social. Nos engenhos produtores de açúcar,

A) predominava o trabalho escravo e o poder dos proprietários, sem a interferência da religião, ausente do núcleo de dominação.

B) havia mais liberdade social do que nos centros urbanos, devido à presença de núcleos de trabalho livre em quantidade expressiva.

C) permaneciam relações de poder patriarcais na vida social, sendo a riqueza produzida importante para Portugal e sua colonização.

D) mantinham-se práticas sociais hierarquizadas para os escravos, havendo liberdade para as mulheres.

E) existia uma participação dos valores do catolicismo numa luta cotidiana contra a escravidão dominante nas relações sociais.

COMENTÁRIOS:

A sociedade colonial era religiosa, patriarcal e, no período açucareiro, polarizada entre senhores e escravos. O trabalho escravo era a base da atividade produtiva, baseada no latifúndio monocultor e exortador, responsável pelo enriquecimento da metrópole portuguesa. É importante lembrarmos que o catolicismo acompanhou todo o processo colonizador, então, podemos eliminar a alternativa (A).

Durante o ciclo canavieiro em Pernambuco, não havia núcleos urbanos, tendo em vista que esses surgiram apenas com a mineração. A partir disso, eliminamos a (B).

Não havia liberdade feminina e a sociedade era profundamente patriarcal; eliminamos a (D).

E a luta contra a escravidão não tomou a vida social, inclusive foi abolida tardiamente; eliminamos a (E).

Gabarito: C

---

4. (UFPB 2012)

O Rei de Portugal, em Carta Régia datada de 1701, proibia a criação de gado em uma faixa de dez léguas a partir do litoral brasileiro. No caso da Paraíba, essa medida intensificou a ocupação do sertão e, consequentemente, o conflito com os indígenas que habitavam essa região. Considerando a ocupação do interior da Paraíba e os conflitos entre colonizadores e índios, é correto afirmar:

A) A intervenção pacificadora de Teodósio de Oliveira Ledo, conhecido defensor dos índios, foi fundamental para pôr fim a esses conflitos.

B) A falta de aliança entre as tribos locais facilitou o domínio dos colonizadores, reduzindo os

conflitos a insignificantes combates.

C) A recusa dos sertanistas em participar dos conflitos com os índios da região decorre da existência de alianças entre os dois grupos.

D) A aliança entre os Potiguara e os Tabajara, ponto central do conflito sertanejo, tornou esse dois povos os únicos resistentes à ocupação.

E) A defesa do território pelos nativos teve como destaque a aliança intertribal conhecida como Confederação dos Cariris.

COMENTÁRIOS:

Como movimento de resistência, algumas tribos indígenas da região Nordeste formaram a Confederação dos Cariris, em 1683, na tentativa de recuperar os vastos hectares de terra que os fazendeiros portugueses tomaram dos índios. Os indígenas ocuparam diversas regiões e chegaram a atacar cidades do interior. A grande repressão ocorreu em 1713, com a dizimação dos povos indígenas envolvidos na insurreição. Teodósio ledo, citado na alternativa (A), era português colonizador, não defensor dos indígenas. Os indígenas organizaram-se contra os dominadores, várias tribos como potiguaras, tabajaras, e vários outros que eram todos chamados de cariris.

Gabarito: E

---

5. (Ufal 2007)

Considere o texto.

O negro, a princípio tão medroso do tapuia e do mato grosso, se assenhoreou depois de algumas das florestas mais profundas do país e submeteu às suas tentativas rudes de colonização policultora, realizadas quase dentro das florestas virgens (...). O máximo de aproveitamento da vida nativa. Inclusive das palmas das palmeiras para numerosos fins, a começar pela habitação: arte em que o negro tornou-se o rival do indígena, a ponto do mucambo de palha ter se tornado tão ecológico como qualquer palhoça indígena. O exemplo de Palmares já se tornou clássico. E é tão conhecido que seria banal recordá-lo ainda uma vez. Mesmo porque não é o único na história do Nordeste.

(Gilberto Freyre. "Nordeste". Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 81)

O autor mostra como os habitantes dos quilombos do Nordeste, no período colonial, exploravam o meio ambiente. Analisando o texto, pode-se afirmar que o autor sugere que os quilombolas:

A) entraram em conflitos com os índios pela disputa por terras férteis.

B) organizaram seu modo de vida adequando-se às condições naturais.

C) destruíram as condições ambientais com a colonização policultora.

D) evitaram adentrar na floresta por medo de serem atacados por índios.

E) contribuíram, como os fazendeiros, na devastação das florestas naturais.

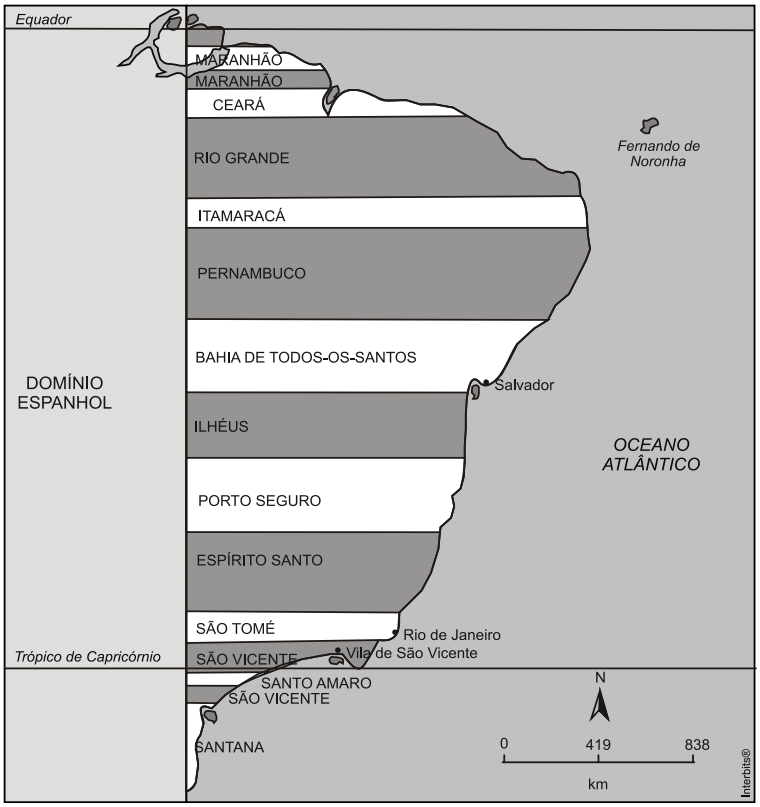
COMENTÁRIOS:

Não foram inimigos dos índios, mas assim como eles combatiam os dominadores portugueses. Formavam comunidades que reproduziam as organizações africanas e praticavam agricultura de subsistência (não policultura). Eles, de acordo com o texto, organizaram seu modo de vida a partir das condições ambientais.

Gabarito: B

---

6. Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

COMENTÁRIOS:

O processo de expansão marítima europeia, no decorrer do século XV, contrapôs interesses econômicos e políticos de portugueses e espanhóis. Em junho de 1494, Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas, a partir de um meridiano localizado a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, demarcando as possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo. O sistema de Capitanias Hereditárias foi criado em 1534 pelo rei de Portugal, D. João III, visando à colonização efetiva do território brasileiro. O tratado de Madri a que o texto se refere foi assinado em 1750 pelo marquês de pombal, e estabeleceu os limites atuais do Brasil (exceto o Acre que foi incorporado em 1903). As sesmarias eram fazendas doadas pelos capitães donatários.

Gabarito: C

7.

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

COMENTÁRIOS:

Somente a proposição [E] está correta. Cabral chegou ao Brasil em Abril de 1500. Não encontrando riqueza fácil (metais e especiarias), o Brasil ficou em segundo plano entre 1500 até 1530. Em 1530, Portugal está diante de um dilema: colonizar ou perder o Brasil. A coroa portuguesa enviou para o Brasil Martim Afonso de Souza visando à colonização. Em 1534, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias, lotes de terras entre o litoral e a linha de Tordesilhas. Essas terras foram doadas aos donatários que eram nobres portugueses incumbidos de iniciar o processo de colonização. Havia dois documentos relativos às capitanias hereditárias, a “Carta de Doação” que consistia em um documento que dava direito ao donatário de explorar a sua capitania e o “Foral”, que estabelecia os direitos e deveres dos donatários. Cabia aos donatários, entre outros, a fundação de vilas e cidades, a cobrança de impostos e a doação de sesmarias (para estimular o povoamento). As demais alternativas estão incorretas.

Gabarito: E

8.

Entre as causas da Criação das Capitanias Hereditárias no Brasil, podemos apontar:

A) a necessidade de apoio do governo português aos comerciantes de pau-brasil;

B) a necessidade de organizar a exploração do ouro;

C) o fracasso do governo geral;

D) o interesse de Portugal no comércio de escravos indígenas;

E) a falta de recursos do governo português que transferiu aos donatários a responsabilidade da colonização.

COMENTÁRIOS:

A coroa portuguesa, sem recursos, transferiu os custos da colonização para a iniciativa privada por meio das capitanias. O pau-brasil era armazenado em feitorias (armazéns litorâneos) e não gerou colonização e povoamento, então, excluímos a alternativa (A).

O ouro só foi encontrado no século XVIII, então, podemos eliminar a (B).

O governo geral foi criado para centralizar as capitanias, então, eliminamos a (C).

A alternativa (D) está errada, pois Portugal não estimulava a escravidão de indígenas, que também eram protegidos pelos padres jesuítas.

Gabarito: E

9.

Leia o texto.

"Nassau chegou em 1637 e partiu em 1644, deixando a marca do administrador. Seu período é o mais brilhante de presença estrangeira. Nassau renovou a administração (...) Foi relativamente tolerante com os católicos, permitindo-lhes o livre exercício do culto. Como também com os judeus (depois dele não houve a mesma tolerância, nem com os católicos e nem com os judeus - fato estranhável, pois a Companhia das Índias contava muito com eles, como acionistas ou em postos eminentes). Pensou no povo, dando-lhe diversões, melhorando as condições do porto e do núcleo urbano (...), fazendo museus de arte, parques botânicos e zoológicos, observatórios astronômicos".

(Francisco lglésias)

Esse texto refere-se:

A) à chegada e instalação dos puritanos ingleses na Nova lnglaterra, em busca de liberdade religiosa.

B) à invasão holandesa no Brasil, no período de União lbérica, e à fundação da Nova Holanda no nordeste açucareiro.

C) às invasões francesas no litoral fluminense e à instalação de uma sociedade cosmopolita no Rio de Janeiro.

D) ao domínio flamengo nas Antilhas e à criação de uma sociedade moderna, influenciada pelo Renascimento.

E) ao estabelecimento dos sefardins, expulsos na Guerra da Reconquista Ibérica, nos Países Baixos e à fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

COMENTÁRIOS:

Maurício de Nassau foi o administrador holandês que fundou a colônia da Nova Holanda. Marcamos diretamente a alternativa (B). As outras alternativas estão muito erradas.

Gabarito: B

LISTA DE QUESTÕES

1. (CESPE 2007/ PREF. ARACAJU – SE/ PROF. CIÊNCIAS NATURAIS)

O final do século XVI é marco inicial da formação do atual estado de Sergipe. Lutas entre colonizadores e índios, além da figura de Cristóvão de Bastos, compuseram o enredo daquele momento histórico e suas consequências no tempo. A respeito desse assunto, julgue os itens que se seguem.

A formação histórica de Sergipe está bastante vinculada à concessão de sesmarias aos colonizadores que venceram as guerras contra os índios.

2. (FUNCAB 2014/ PM-SE/ SOLDADO DA POLÍCIA MILITAR)

Fundada em fins do século XVI, a Praça de São Francisco, em São Cristóvão (SE), foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2010. Esse reconhecimento se deu porque a Praça:

A) foi palco de batalha histórica entre holandeses e portugueses no século XVII.

B) representa, no Brasil, o período da união histórica entre as coroas portuguesa e espanhola.

C) marca a chegada dos padres jesuítas à região, onde fundaram a vila de São Cristóvão.

D) traz simplesmente características da arquitetura hispânica.

E) simboliza a campanha vitoriosa de Cristóvão de Barros, seu fundador, sobre os índios da região.

3. (FUNCAB 2014/ PM-SE/ SOLDADO DA POLÍCIA MILITAR)

Subordinado à capitania da Bahia desde os primeiros tempos da colonização do Brasil, Sergipe formou território próprio e independente mediante os esforços das elites locais, afetadas pelas intervenções baianas. É correto afirmar que a separação das duas capitanias se deu oficialmente em:

A) 1590, com a fundação do arraial de São Cristóvão por Cristóvão de Barros.

B) 1645, com o fim da luta entre portugueses e holandeses, que havia devastado o território sergipano.

C) 1834, com a instalação da Assembleia Legislativa Provincial, que reconheceu Sergipe como

província do Império.

D) 1820, com o decreto de Dom João VI.

E) 1647, com o movimento revolucionário liderado por Manuel Pestana.

4. (IBFC 2014/ PC-SE/ ESCRIVÃO SUBSTITUTO)

A palavra Sergipe vem de 'Siri-i-pe', palavra de origem tupi, que significa "curso do rio dos siris", ou simplesmente "rio dos siris". Na linguagem do colonizador, Siri-i-pe transformou-se em Sergipe. Sobre alguns pontos da história de Sergipe, leia as sentenças abaixo e assinale a alternativa correta:

I. Durante uma década o Nordeste brasileiro viveu o clima do cangaço com o surgimento do bando chefiado por Virgolino Ferreira, o Lampião. O grupo percorreu Sergipe e mais alguns estados nordestinos até 1938, ano em que Lampião foi surpreendido pela volante e morto junto com Maria Bonita e mais alguns companheiros em seu esconderijo em Angico, no sertão de Sergipe.

II. Devido ao sucesso do sistema de capitanias hereditárias, a Coroa portuguesa comprou, em 1549, a capitania da Baía de Todos os Santos, incluindo Sergipe - dos herdeiros do donatário, para sediar o governo-geral e nomeou Tomé de Souza como primeiro governador-geral da Colônia.

Estão corretas as afirmativas:

A) Apenas a afirmativa I está correta

B) Apenas a afirmativa II está correta

C) As afirmativas I e II estão corretas

D) As afirmativas I e II estão incorretas

5. (IBFC 2014/ PC-SE/ ESCRIVÃO SUBSTITUTO)

Leia as sentenças abaixo que contam um pouco da história do Estado de Sergipe, analise-as, atribua-lhes valores verdadeiro (V) e falso (F) e assinale a alternativa que representa a sequência correta:

( ) Assim como em outros Estados nordestinos, Sergipe foi ocupado por colonizadores franceses interessados no escambo de pau-brasil e algodão com os índios. Entretanto, entre o fim do século XVI e as primeiras décadas do século XVII, os franceses colonizaram oficialmente o Estado e passaram a dominar definitivamente a região.

( ) O local onde hoje se encontra o município de Aracaju era a residência oficial do cacique Serigy, que dominava desde as margens do rio Sergipe até as margens do rio Vaza-Barris. Em 1590, Cristóvão de Barros atacou as tribos do cacique Serigy e de seu irmão Siriri, matando e derrotando os índios. Assim, no dia 1 de janeiro de 1590, Cristóvão Barros fundou a cidade de São Cristóvão (mais tarde capital da província) junto à foz do Rio Sergipe e definiu a Capitania

de Sergipe.

A) V,F.

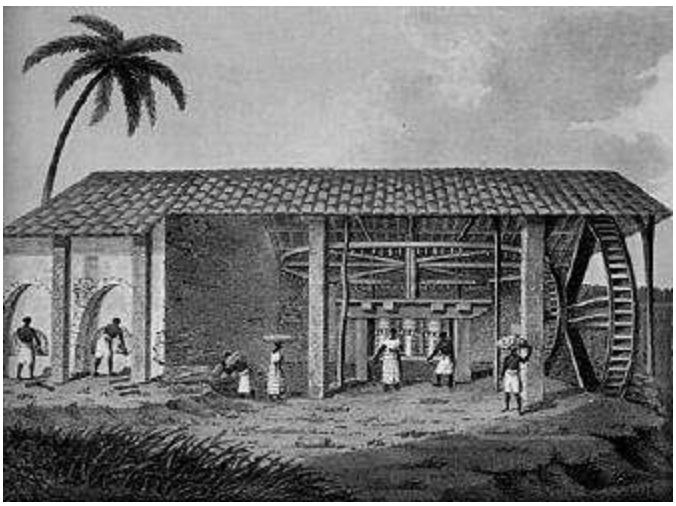
B) F,V.

C) V,V.

D) F,F.

6. (Upe 2014)

Observe a imagem a seguir:



(Disponível em: http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engenho_de_acucar_1816.jpg)

Ela ilustra um engenho de açúcar, típica unidade de produção do nordeste colonial. Com base na imagem e na realidade histórica por ela ilustrada, assinale a alternativa CORRETA.

A)Esse engenho movido por força hidráulica é uma realidade do século XVIII, embora anteriormente fosse utilizada a força humana ou a força animal para fazê-lo funcionar.

B) A presença exclusiva de mão de obra escrava negra, na imagem, denota a exclusão dos indígenas como trabalhadores, escravos ou livres, da indústria açucareira.

C) Engenhos de grande porte, como o da ilustração, só foram introduzidos na América Portuguesa em meados do século XVII, pelos holandeses que ocupavam a capitania de Pernambuco.

D) A mão de obra utilizada nos engenhos, escrava ou livre, muitas vezes, era formada por trabalhadores especializados.

E) A mão de obra indígena só foi utilizada, no período colonial, em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, não se fazendo presente nos engenhos do nordeste colonial.

7. (Upe 2010)

O trabalho cria riquezas sociais que, nem sempre, são divididas e servem para efetivar sociedades equilibradas. O uso da escravidão mostra a existência da exploração, mesmo nos tempos modernos. A escravidão:

A) foi utilizada nas colônias europeias até o século XVIII, na agricultura, apresentando grande lucratividade nos negócios agrícolas.

B) tinha lugar no trabalho doméstico, apenas nas colônias portuguesas e inglesas, sendo ineficaz no comércio.

C) conseguiu se firmar nas colônias espanholas; sem êxitos expressivos, nas colônias inglesas, devido aos preconceitos raciais.

D) deu condições para favorecer o crescimento da burguesia, que lucrava com o comércio da época e firmava seus interesses.

E) inexistiu no trabalho, nas minas de ouro da América, sendo utilizada na agricultura latifundiária e nos serviços urbanos.

8. (Upe 2009)

As sociedades mudam suas práticas sociais e conservam outras através da sua convivência no decorrer do tempo histórico. Na época da colonização portuguesa, havia, no Brasil, uma sociedade marcada pela escravidão e a injustiça social. Nos engenhos produtores de açúcar,

A) predominava o trabalho escravo e o poder dos proprietários, sem a interferência da religião, ausente do núcleo de dominação.

B) havia mais liberdade social do que nos centros urbanos, devido à presença de núcleos de trabalho livre em quantidade expressiva.

C) permaneciam relações de poder patriarcais na vida social, sendo a riqueza produzida importante para Portugal e sua colonização.

D) mantinham-se práticas sociais hierarquizadas para os escravos, havendo liberdade para as mulheres.

E) existia uma participação dos valores do catolicismo numa luta cotidiana contra a escravidão dominante nas relações sociais.

9. (Ufal 2007)

Considere o texto:

O negro, a princípio tão medroso do tapuia e do mato grosso, se assenhoreou depois de algumas das florestas mais profundas do país e submeteu às suas tentativas rudes de colonização policultora, realizadas quase dentro das florestas virgens (...). O máximo de aproveitamento da vida nativa. Inclusive das palmas das palmeiras para numerosos fins, a começar pela habitação: arte em que o negro tornou-se o rival do indígena, a ponto do

mucambo de palha ter se tornado tão ecológico como qualquer palhoça indígena. O exemplo de Palmares já se tornou clássico. E é tão conhecido que seria banal recordá-lo ainda uma vez. Mesmo porque não é o único na história do Nordeste.

(Gilberto Freyre. "Nordeste". Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 81)

O autor mostra como os habitantes dos quilombos do Nordeste, no período colonial, exploravam o meio ambiente. Analisando o texto, pode-se afirmar que o autor sugere que os quilombolas:

A) entraram em conflitos com os índios pela disputa por terras férteis.

B) organizaram seu modo de vida adequando-se às condições naturais.

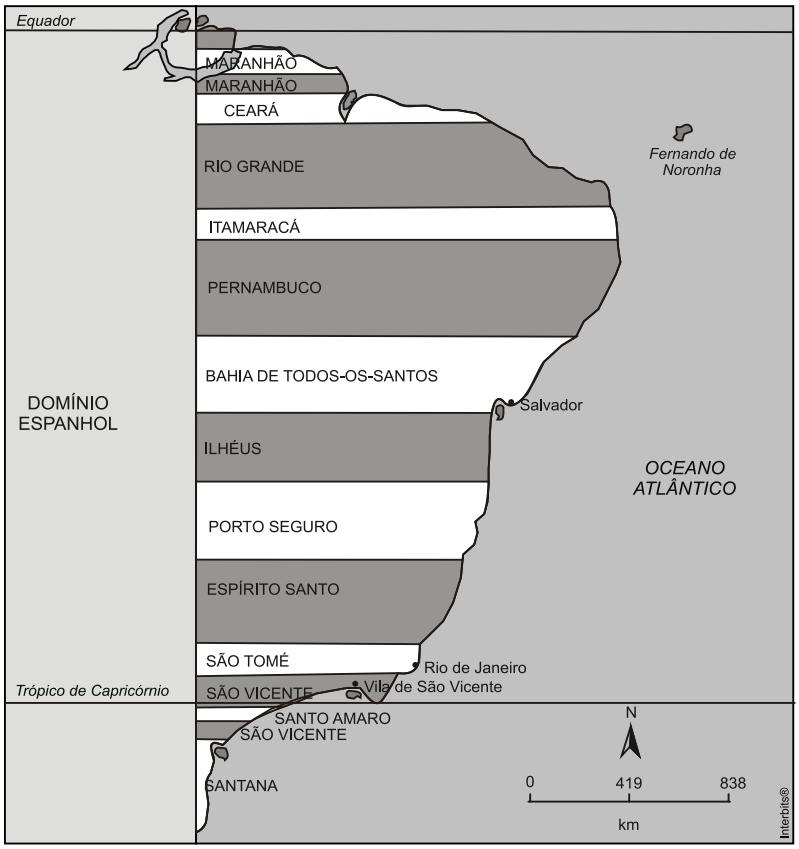
C) destruíram as condições ambientais com a colonização policultora.

D) evitaram adentrar na floresta por medo de serem atacados por índios.

E) contribuíram, como os fazendeiros, na devastação das florestas naturais.

10.

Observe o mapa:



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

11.

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

12.

Entre as causas da Criação das Capitanias Hereditárias no Brasil, podemos apontar:

A) a necessidade de apoio do governo português aos comerciantes de pau-brasil;

B) a necessidade de organizar a exploração do ouro;

C) o fracasso do governo geral;

D) o interesse de Portugal no comércio de escravos indígenas;

e) a falta de recursos do governo português que transferiu aos donatários a responsabilidade da colonização.

13.

Leia o texto.

"Nassau chegou em 1637 e partiu em 1644, deixando a marca do administrador. Seu período é o mais brilhante de presença estrangeira. Nassau renovou a administração (...) Foi relativamente tolerante com os católicos, permitindo-lhes o livre exercício do culto. Como também com os judeus (depois dele não houve a mesma tolerância, nem com os católicos e nem com os judeus - fato estranhável, pois a Companhia das Índias contava muito com eles, como acionistas ou em postos eminentes). Pensou no povo, dando-lhe diversões,

melhorando as condições do porto e do núcleo urbano (...), fazendo museus de arte, parques botânicos e zoológicos, observatórios astronômicos".

(Francisco lglésias)

Esse texto refere-se:

A) à chegada e instalação dos puritanos ingleses na Nova lnglaterra, em busca de liberdade religiosa.

B) à invasão holandesa no Brasil, no período de União lbérica, e à fundação da Nova Holanda no nordeste açucareiro.

C) às invasões francesas no litoral fluminense e à instalação de uma sociedade cosmopolita no Rio de Janeiro.

D) ao domínio flamengo nas Antilhas e à criação de uma sociedade moderna, influenciada pelo Renascimento.

E) ao estabelecimento dos sefardins, expulsos na Guerra da Reconquista lbérica, nos Países Baixos e à fundação da Companhia das Índias Ocidentais.

GABARITO

1. Certo.
2. ALTERNATIVA B.
3. ALTERNATIVA D.
4. ALTERNATIVA A.
5. ALTERNATIVA B.
6. ALTERNATIVA D.
7. ALTERNATIVA D.
8. ALTERNATIVA C.
9. ALTERNATIVA B.
10. ALTERNATIVA C.
11. ALTERNATIVA E.
12. ALTERNATIVA E.
13. ALTERNATIVA B.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito bem, querido concurseiro. Se você chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não se esqueça dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois "quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar". Encontro você na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. 

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. 

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. 

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. 

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. 

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. 

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. 

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. 

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.